



A PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA E A POTÊNCIA DO AFETO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

COMMUNITY SOCIAL PSYCHOLOGY AND THE POWER OF AFFECTION: AN ACCOUNT OF INTERNSHIP EXPERIENCE

Larissa Cecília dos Santos¹

Eliza Rebelo Machado²

Márcia Mansur Saadallah³

RESUMO: Esse artigo consiste em um relato de experiência resultante da prática de estágio curricular obrigatório “Estágio VI – O psicólogo na comunidade” do curso de Psicologia da PUC Minas - *Campus* Coração Eucarístico, no qual o principal objetivo é realizar acompanhamento psicossocial com famílias em situação de vulnerabilidade social na comunidade da Vila Cemig, situada na região do Barreiro na cidade de Belo Horizonte. O presente relato foi desenvolvido após uma dupla de estagiárias realizar acompanhamentos semanais, e posteriormente quinzenais durante dois semestres com uma família que, com o propósito de preservar as identidades da sua composição, será denominada Mendes. A prática foi realizada através da abordagem da Psicologia Social Comunitária, e o posicionamento das estagiárias foi pautado principalmente nas discussões de Bader Sawaia (2009) e Carla Bronzo (2009), mediante leituras, encontros semanais com a professora supervisora e suporte dos então monitores do estágio. Os principais resultados ocorreram por meio da prática baseada no afeto, na prática grupal e no trabalho de parceria com a rede constituída de equipamentos da rede pública e lideranças comunitárias, através da qual foi possível identificar as vulnerabilidades da família e também as possibilidades de superá-las através de suas potencialidades, ao construir ações junto à comunidade, de modo a fortalecer os vínculos e afetos existentes nela e estimular novos. Para as estagiárias, tal experiência constituiu-se em grande aprendizado e crescimento tanto pessoal quanto profissional, representando uma referência de exercício profissional baseado no Compromisso Social da Psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia social comunitária; acompanhamento psicossocial; afeto; vulnerabilidade social; potencialidades.

ABSTRACT: This article consists of an experience report resulting from the mandatory curricular internship practice "Internship VI - The psychologist in the community" of the Psychology course at PUC Minas - *Campus* Coração Eucarístico, in which the main objective is to perform psychosocial accompaniment with families in a socially vulnerable situation in the community of Vila Cemig, located in the region of Barreiro in the city of Belo Horizonte. The present report was developed after a couple of interns carried out weekly follow-ups, and later fortnightly during two semesters with a family that, with the purpose of preserving the identities of its composition, will be called Mendes. The practice was carried out through the approach of Community Social Psychology, and the positioning of the trainees was guided mainly by the discussions of Bader Sawaia (2009) and Carla Bronzo (2009), through readings, weekly meetings with the supervising teacher and support from the then trainee monitors. The main results occurred through the practice based on affection, group practice and partnership work with the network constituted of public network equipment and community leaders, through which it was possible to identify the family's vulnerabilities and also the possibilities of overcoming them through their potential, by building actions with the community, in order to strengthen the existing bonds and affections in it and stimulate new ones. For the trainees, this experience was a great learning and growth both personal and professional, representing a reference of professional exercise based on the Social Commitment of Psychology.

KEYWORDS: community social psychology; psychosocial accompaniment; affection; social vulnerability; potentialities.

¹ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e monitora do Estágio VI - O Psicólogo na Comunidade – Contato: larissaces7@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Contato: rebeloeliza@gmail.com

³ Psicóloga social, mestre em ciências sociais e professora da faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Contato: marciamansurbh@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A formação em Psicologia e o seu saber/fazer são em sua maioria, e historicamente, elitizados, padronizados para o exercício na clínica tradicional e no trabalho individual com o sujeito, desconsiderando, em muitos casos, as diversas outras dimensões e espaços presentes nas vivências do mesmo, inerentes ao processo de conviver em sociedade e as implicações disso para a sua vida. Tais fatos podem gerar uma formação preparada apenas para algumas possibilidades de existência, que restrinja o sujeito ao seu âmbito privado e que desconsidere o modelo biopsicossocial, indispensável ao se pensar no sujeito em sua totalidade e ao desenvolver ações com o mesmo.

Nesse sentido, quando ao longo do curso se fala em Psicologia Social Comunitária, a compreensão acerca da abordagem pode ser, equivocadamente, associada ao trabalho voluntário, caridade e assistencialismo. Tal fato revela uma defasagem na formação e, conseqüentemente, na atuação, principalmente no que tange o âmbito multiprofissional (perspectiva cada vez mais disseminada e adotada nos diversos campos de atuação), que demanda trabalho em rede e multidisciplinar. Dessa forma, Nepomuceno *et al.* (2008) define o fazer da Psicologia Comunitária da seguinte forma:

uma práxis transformadora da sociedade capaz de lutar contra as relações de opressão, de servilismo e de violência estruturadas no modo de produção capitalista. É buscar desenvolver trabalhos capazes de contribuir na construção de sujeitos críticos, que promovam a transformação das condições de miséria econômica e opressão política imperantes na América Latina, caminhando para a construção de uma agenda política revolucionante das dimensões micro e macrosocial (NEPOMUCENO *et al.*, 2008, p. 458)

Diante disso, surge o Estágio VI - O psicólogo na comunidade, disciplina constituinte da grade curricular do curso de Psicologia da PUC Minas. O seu campo de atuação abrange comunidades do Barreiro, região situada em Belo Horizonte. O estágio tem como compromisso promover a desmistificação dos preconceitos e estigmas geralmente presentes nas concepções dos estudantes em relação ao trabalho comunitário, e reflexão acerca da sua própria localização, tanto no que diz respeito ao espaço físico/geográfico relacionado à saúde, moradia, lazer, acesso à educação (ensino básico, técnico e superior), etc., quanto no que tange aos lugares sociais de poder, espaços privilegiados esses que se relacionam e que a maioria das acadêmicas frequentam e fazem parte.

Dentro das comunidades, o estágio em questão tem como proposta contribuir para a emancipação da população, além de articular estratégias em conjunto com os equipamentos da

rede pública (CRAS - Centro de Referência de Assistência Social, CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social, Centro de Saúde, CPC - Centro de Prevenção à Criminalidade e Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri) e programas promovidos por tais equipamentos, como por exemplo os programas Fica Vivo e Mediação de Conflitos, para integrar a população e inseri-la na rede, de modo a ser acompanhada e auxiliada a longo prazo, mesmo após o encerramento do acompanhamento psicossocial realizado pelos estagiários. Além disso, o trabalho em rede constitui-se também na possibilidade de explorar ferramentas da comunidade (parques, oficinas e cursos) como os promovidos pelo POINT Barreiro - Escola Municipal do Polo de Educação Integrada.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da prática no referido estágio por uma dupla de alunas. Foi realizado o acompanhamento psicossocial durante o ano de 2019 com uma família que, com o propósito de preservar as identidades da sua composição, será denominada Mendes. A atuação no âmbito da Psicologia Comunitária, proporcionou grande amadurecimento profissional das estagiárias, possibilitando a compreensão da importância do trabalho elaborado em rede e as potencialidades existentes no mesmo e nas famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade, de forma a superá-la.

2 METODOLOGIA

O “Estágio VI - O psicólogo na comunidade” possui como campo de atuação as seguintes favelas: Vila Cemig, Conjunto Esperança e Alto das Antenas. Esses três territórios formam uma comunidade e ficam localizados na região do Barreiro, em Belo Horizonte. O estágio possui como principal objetivo oferecer acompanhamento psicossocial às famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade social. As famílias são indicadas através da rede constituída pelos equipamentos públicos e pelas lideranças comunitárias, que identificam as diferentes vulnerabilidades existentes.

O programa do estágio em questão prevê que os acompanhamentos sejam realizados na residência da família, o que depende do consentimento de todos, além de prever a necessidade ética de respeito à privacidade e ao espaço familiar. Porém, os acompanhamentos do acompanhamento aqui relatado não ocorreram na residência da família, e sim em praças públicas e estabelecimentos como sorveterias e padaria, por escolha da família. Sendo assim, pelo caráter público dos encontros, tornou-se necessário que as estagiárias se atentassem aos cuidados para que o sigilo absoluto fosse resguardado, optando por locais mais reservados dentre as escolhas da família.

As supervisões aconteceram semanalmente, junto da professora supervisora e dos monitores, bem como os acompanhamentos realizados pelas estagiárias junto às famílias. O grupo de mulheres, promovido por demais estagiárias, possui papel fundamental no trabalho com as famílias e foi outro método utilizado, visto que as pautas discutidas remetem às vivências similares de grande parte das mulheres e famílias da comunidade, de forma a coletivizar as demandas. Houve também, sob orientação da professora, o suporte dos monitores com correção de relatórios, conversas nos corredores (acolhimento das inseguranças, medos, angústias, comemorações) elucidação de dúvidas etc.

Vale ressaltar que, diferente de algumas práticas vinculadas à Psicologia tradicional, o acompanhamento psicossocial não adota uma posição distante e de esfriamento em relação à família atendida, pois concebe o afeto como fundamental para os processos pois Espinosa, citado por Sawaia (2009) afirma que “a vida ética começa no interior dos afetos, e não contra eles, pois constituem a base tanto da servidão como da liberdade” (ESPINOSA apud SAWAIA, 2009, p. 366).

Ainda segundo Bader Sawaia (2009),

[...] as emoções não devem ser combatidas ou criticadas. E elas devem ser compreendidas não como um vício da natureza humana, mas como uma propriedade que lhe é tão pertinente, como o calor e o frio (ESPINOSA, apud SAWAIA, 2009, p. 366).

A conduta adotada para o acompanhamento psicossocial foi de estabelecer o vínculo com a família através do afeto, a fim de proporcionar um espaço de confiança para que as demandas fossem exploradas e os processos ocorressem. Para isso, o posicionamento das estagiárias foi pautado principalmente nas discussões de Bader Sawaia (2009) e Carla Bronzo (2009).

Além disso, ao final de cada semestre, é organizada no espaço da PUC Minas uma festa de encerramento do estágio através da mobilização dos professores junto dos monitores e estagiárias. A ideia é que as famílias atendidas dentro da comunidade (e demais pessoas acompanhadas por outros professores e campos do estágio) vão até o espaço da universidade e se encontrem com as estagiárias para compartilhar um momento de confraternização com diversas apresentações artísticas (realizadas de forma voluntária por pessoas e grupos acompanhados pelo estágio) e um almoço coletivo. Geralmente o transporte é custeado pela universidade e o almoço é composto de contribuições das alunas e professores.

No caso dessa experiência, foram realizados cerca de 20 encontros durante o ano de 2019. No primeiro semestre, os encontros aconteciam semanalmente, já no segundo semestre, como se tratava de um acompanhamento de continuidade, os acompanhamentos ocorreram quinzenalmente. Tal mudança na periodicidade dos encontros se deu com o objetivo de caminhar para o encerramento do acompanhamento, uma vez que o objetivo do mesmo não é tutelar as famílias, mas sim auxiliar na sua emancipação, aproximando-as da rede local e contribuindo para o reconhecimento das suas potencialidades no enfrentamento às vulnerabilidades. Acerca disso, Carla Bronzo (2009) pontua que,

As pessoas e famílias em condição de vulnerabilidade extrema, nunca é demais repetir, padecem de uma síndrome de privações e aspectos de carências, mas também apresentam potencialidades e ativos que podem ser mobilizados, desde que exista um suporte efetivo e articulado por parte das estruturas e processos, traduzidos por meio das políticas públicas. A adoção de formas mais flexíveis e relacionais de gestão pública, “aderentes” às necessidades das pessoas, famílias e territórios e desenvolvidas pelos diversos setores de forma mais integrada constituem estratégias potencialmente mais exitosas (BRONZO, 2009, p. 3).

Além disso, os relatórios finais elaborados pela dupla ao encerramento de cada semestre foram baseados (adaptado à prática do estágio) no Plano de Acompanhamento Familiar (PAIF), modelo proposto pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS) para acompanhamento de famílias atendidas pelo PAIF, no CRAS, e se trata de um planejamento que é realizado em conjunto entre as famílias e o profissional do acompanhamento familiar. Dessa forma, o acompanhamento de cada família é sistematizado e é articulado, junto à rede de equipamentos da comunidade os devidos encaminhamentos necessários de acordo com as demandas.

3 O ACOMPANHAMENTO, O VÍNCULO E A POTÊNCIA DO AFETO

O acompanhamento pautado na Psicologia Social Comunitária tem o afeto como fator primordial para o estabelecimento do vínculo entre o sujeito e profissional, além de ser a base de todo o processo. Sawaia (2009) discute acerca do afeto a partir das ideias de Espinosa e Vygotsky, que propõem que o afeto possui potencial de libertar o sujeito e promover transformações sociais, visto que “afetar e ser afetado são efeitos inerentes aos encontros entre as pessoas” (BRASIL, 2017), e para que as transformações sociais possam ocorrer, um dos fatores importantes é que a tristeza e os afetos tristes sejam sentidos, vivenciados e elaborados pelo indivíduo. Acerca disso, Sawaia (2009) apropria-se da concepção de tristeza de Espinosa, retomada por Deleuze, que afirma que

na tristeza, nossa potência (conatus) serve toda ela para investir a marca dolorosa e para destruir o objeto que a causou. Assim, imobilizada, nossa potência só pode reagir e não agir (DELEUZE apud SAWAIA, 2009, p. 370).

Sendo assim, a percepção e consciência da tristeza podem ser percebidas, além de potência de padecimento perante a vida, mas também como um fator necessário para impulsionar a transformação desta posição de passividade à atividade, à ação. Tal transformação ocorre a partir do momento em que “os limites impostos ao corpo forem sentidos como afetos tristes e sua expansão for sentida como alegria, somente quando a ignorância for experimentada como tristeza e pensar livre como alegria, das paixões passa-se à ação” (SAWAIA, 2009, p. 370). Portanto, é de extrema importância que o sujeito possa experimentar vivências opostas às que o colocam em posição de passividade, para que assim ele seja capaz de perceber que o ato de pensar e as possibilidades de mudanças podem levá-lo à alegria e crescimento, pois, conforme afirma Espinosa citado por Sawaia (2009), “o desejo de resistência nasce do sentimento de indignação” (ESPINOSA apud SAWAIA, 2009, p. 370).

Conforme abordado no caderno “Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos”, elaborado pela Secretaria Nacional de Assistência Social do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) em 2017, as emoções, sejam elas tristes ou alegres, não são passivas e pré-definidas, contrariamente à isso, “elas são produzidas nos encontros e são força motriz das ações” (BRASIL, 2017). Dessa forma, conforme Brasil (2017) se as emoções são produzidas nos encontros, elas dependem também da forma com que o sujeito é tratado pelo outro, da forma que ele é visto, ouvido, dos espaços de fala que são abertos a ele, da forma com que ele é acolhido e de suas próprias decisões. O encontro com o outro é uma ferramenta muito poderosa, e os afetos resultantes de tais encontros são primordiais para os trabalhos das políticas públicas, conforme pontuado por Brasil (2017) que também afirma que

Para que situações de conflitos sejam modificadas, não é suficiente pensar sobre elas, pois isso não altera as emoções. Somente quando se entra em contato com o que há de mais singular da vida social e coletiva (afetos) é que se promove uma transformação social (BRASIL, 2017)

É de extrema importância pensarmos também que, para a Psicologia Social Comunitária, o sujeito faz parte da comunidade tanto quanto esta o compõe, e por isso são mutuamente afetados. Visto que a percepção e sentimento dos afetos só é vivenciada na relação com o outro, Sawaia (2009) pontua que tal aspecto, naturalmente, “nos torna socialmente comprometidos” (p. 370). Dessa forma, se os afetos dependem da relação com o outro para

serem sentidos, eles também unem as pessoas, promovem o estabelecimento de vínculos, e assim a resistência à passividade sai do âmbito individual e se desloca para a coletividade, o que promove uma “potência de agir coletiva” (SAWAIA, 2009, p. 370), propiciando amplas transformações na comunidade.

3.1 O primeiro semestre de 2019 – construção do vínculo

Roberta (nome fictício com o propósito de preservar as identidades), integrante da família Mendes (mãe e esposa) buscou o Centro de Prevenção à Criminalidade (CPC) da comunidade, através do programa Mediação de Conflitos, devido à relação conflituosa com o marido que estava a prejudicando, uma vez que ele demonstrava muito interesse em vender a casa onde a família reside e morar de aluguel, a fim de investir o dinheiro arrecadado com a venda em um empreendimento (no qual o retorno não era garantido). Diante dessa situação e da angústia relatada por Roberta, tal demanda foi encaminhada para a professora supervisora do estágio.

O acompanhamento foi iniciado no mês de Abril de 2019. Com o auxílio dos então monitores, foi feito o contato telefônico com Roberta para a marcação do primeiro encontro e a pedido dela, o encontro foi realizado fora de sua casa, em uma praça (pouco movimentada) próxima à residência. O primeiro ponto colocado por ela foi de que o marido, Ricardo (nome fictício), não gosta muito da ideia de ela ser acompanhada por psicólogos e alegava que ela estava “procurando ajuda no lugar errado”⁴ (se referindo à igreja como “lugar certo”), e que ele se mostrou descontente com a ideia de os acompanhamentos serem realizados em casa. Além disso, Roberta disse que o marido não gostaria de participar dos encontros, mas disse que seria bom ter a participação dele, e então foi dada a sugestão de uma aproximação por pequenos passos (como inicialmente ele apenas ficar perto e ouvir a conversa, e aos poucos se integrar mais). Porém, ao longo do acompanhamento, o marido não quis participar de nenhum encontro, sendo a maioria deles realizados com Roberta e a filha, Ana.

Roberta relatou que o medo do marido vender a casa estava provocando nela crises de choro e de ansiedade, uma vez que Ricardo já havia se envolvido anteriormente em outras dívidas sem antes a consultar, alegando que ela não o apoia nas suas ideias. A rotina de Roberta é pautada em cuidar da filha e da casa, e a mesma relatou que sentia vontade de trabalhar fora, mas se mantinha dona de casa, uma vez que Ricardo não aprovava a ideia desde o início do

⁴ Fala de Ricardo, pontuada por Roberta durante acompanhamento.

casamento e a desmotivava dizendo que ela não sabe fazer nada. Acerca da desmotivação provocada pelo marido, Miotto (2003) discute a violência doméstica a partir das definições de Jorge Barudy, que considera que tal violência seja construída através de interações, podendo elas serem ativas ou passivas. As interações ativas provocam o que, Barudy citado por Miotto (2003), denomina de “maltrato ativo ou violência por ação” (BARUDY apud MIOTTO, 2003, p. 97) que ocorrem através de ações e discursos que fazem “uso da força física, sexual e/ou psicológica, que, por sua frequência e intensidade, geram danos” (p. 97-98), o que é vivenciado por Roberta. Ao relatar sua vontade de trabalhar fora de casa e também o descrédito do marido em relação à sua capacidade, fica evidente a ocorrência de violência psicológica ativa, e as consequências desta aparecem na medida em que Roberta se manteve dona de casa, mesmo desejando não seguir nesta atividade.

Ainda acerca da questão da violência, Miotto (2003) nos alerta para o fato de que a violência é multicondicionada “em cuja dinâmica estão articulados aspectos sociais, econômicos, políticos, psicológicos, culturais que não podem ser tratados de forma isolada e nem complementar” (MIOTTO, 2003, p. 101), e devido a tal multiplicidade de causas do fenômeno, o profissional deve atuar e intervir nesse campo levando em consideração toda a sua complexidade que vai para além do âmbito familiar, é algo primeiramente estrutural.

Roberta também disse que há algum tempo havia frequentado a terapia e que foi diagnosticada com depressão, mas que não prosseguiu devido à falta de recursos financeiros e diante disso, relatou que havia deixado Ana sob os cuidados de outras pessoas para ir ao acompanhamento. Diante disso, o manejo com esse primeiro contato com Roberta foi de apresentar a proposta do acompanhamento psicossocial, explicar que não se tratava de uma terapia nos moldes que ela já havia experienciado antes e pontuar a ideia da participação da família completa (se assim fosse de vontade das partes), podendo ela levar Ana para o próximo encontro, uma vez que poderiam ser realizadas brincadeiras com ela de modo a integrá-la.

No primeiro contato e ao longo do semestre, a dupla percebeu grande dificuldade por parte de Roberta para se posicionar e dizer “não” para as pessoas quando lhe pediam favores, uma vez que não era sempre que ela conseguia ajudá-las. Além disso, foi possível notar também que Roberta mostrava forte dependência em relação ao marido, tanto financeira quanto emocional.

Bader Sawaia (2009) diz que

Os homens se submetem à servidão porque são tristes, amedrontados e supersticiosos. Enredados na cadeia das paixões tristes, anulam suas potências de vida e ficam vulneráveis à tirania do outro, em quem depositam a esperança de suas felicidades.

Por isso, afirma Espinosa, não se destrói uma tirania eliminando o tirano, pois outros o substituirão caso as relações servis não sejam destruídas. É preciso destruir as relações que sustentam a servidão (ESPINOSA apud SAWAIA, 2009, p. 366).

Durante o acompanhamento, a dupla sentiu muita angústia, ansiedade e impotência frente aos relatos de Roberta. Percebia-se sobrecarga em relação às tarefas domésticas e cuidados com a filha, e as estagiárias associavam isso à angústia e cansaço relatados. Após cada encontro, havia medo, frustração e sensação de despreparo quando Roberta relatava que não sentia vontade de fazer nada, não conseguia levantar-se da cama nem para realizar tarefas que dizia gostar, como, por exemplo, ir à igreja e cuidar da casa.

Dessa forma, foi fundamental a orientação e auxílio da professora supervisora e dos monitores para conseguir lidar com tais sentimentos de insuficiência e, além disso, ter paciência com o tempo da família, de modo a compreender que os contratempos surgiriam e que também faziam parte do processo. Segundo Ansara e Dantas (2010),

Não é possível, pois, que o agente externo assuma como sua tarefa a conscientização do outro como se ele fosse de antemão consciente de tudo que se passa em seu mundo social. Ele também está impregnado de ideologias que dirigem sua percepção e ofuscam sua visão. Por isso, o processo de conscientização deriva da relação de implicação e reciprocidade entre o agente social e a comunidade, atingindo a ambos indistintamente (ANSARA; DANTAS, 2010, p. 98).

O vínculo foi se estabelecendo e a dupla começou a sentir mais confiança para intervir e propor atividades para Roberta, como, por exemplo, leitura de textos pertinentes às demandas trazidas por ela, (uma vez que ela havia dito que gostava de ler), técnicas reflexivas sobre o que ela gostava e não gostava de fazer, com o objetivo de trazer à tona sua posição passiva na maior parte do tempo, entre outras atividades e técnicas lúdicas direcionadas à Ana. Assim, foi criando-se uma relação de confiança e afeto, de modo que Ana também passou a conversar e brincar mais com as estagiárias.

Durante o semestre as estagiárias convidaram Roberta a participar de atividades grupais, como por exemplo o grupo de mulheres promovido por um trio de colegas do estágio, e uma oficina de horta e jardinagem promovido pelo CRAS, uma vez que Roberta gosta de plantar. Embora tal intervenção não tenha sido eficaz, pois Roberta não havia comparecido a nenhuma das atividades sugeridas (até então devido à incompatibilidade de horários), as estagiárias persistiram nesta estratégia como tentativa de aproximação de Roberta da rede local e de demais pessoas da comunidade, uma vez que uma de suas queixas era que Rodrigo não era muito presente e que ela não tinha muitas pessoas com quem conversar.

Segundo Carla Bronzo (2009),

Ao considerar o duplo caráter da pobreza - como fenômeno que envolve aspectos mais e menos tangíveis, dimensões objetivas de falta de recursos e também dimensões subjetivas relativas a valores, comportamento, autonomia -, tem-se como implicação que qualquer estratégia que busque a superação da pobreza passa necessariamente pelas pessoas, e que para desenvolver estratégias sustentáveis e efetivas é necessário alterar tais condições limitadoras, investir no empoderamento das pessoas, no desenvolvimento de sua autonomia, competências e capacidade de autodesenvolvimento, visando a ampliação de sua capacidade de ação. Essa questão remete ao tema das relações sociais, redes de sociabilidade, normas, valores e comportamentos, dimensões menos tangíveis das condições de pobreza (BRONZO, 2009, p. 3).

Nesse sentido, as estagiárias perceberam ao longo dos acompanhamentos que, além da falta de recursos materiais e ciência acerca das possibilidades existentes no território, promovidas pelos equipamentos e iniciativas comunitárias, Roberta também era atravessada por questões de ausência de autonomia e autoconfiança. Tais aspectos se relacionavam diretamente à dependência emocional e financeira do marido, e consequentemente, a impossibilitavam de explorar suas potencialidades e programas existentes na comunidade.

No último encontro do semestre, com o objetivo de explorar mais os espaços da comunidade com Roberta e incentivá-la a se movimentar mais dentro de suas possibilidades, foi proposto a realização de um piquenique no Parque das Águas, situado também na região do Barreiro na comunidade. A mãe de Roberta participou desse encontro juntamente dela e de Ana, e, além de realizar o encontro em um lugar diferente da habitual praça, foi uma oportunidade de distração e lazer para a família, que não explorava nem frequentava o parque. Após caminhar um pouco no espaço, descobriu-se que há a realização de um bazar e ginástica comunitária no parque, que podem ser vistas como ferramentas interessantes para o desenvolvimento de autonomia e empoderamento pontuados acima.

Ainda segundo Carla Bronzo (2009),

Alterar o cenário de pobreza requer, além de uma estrutura de oportunidades adequada, atenção à qualidade dos laços sociais, às condutas e ações que grupos, indivíduos, famílias e comunidades realizam para lidar com sua situação de pobreza e vulnerabilidade (BRONZO, 2009, p. 4).

Acerca da sobrecarga de Roberta em relação às tarefas de casa, a primeira intervenção foi discutir sobre o compromisso em relação às tarefas domésticas, no intuito de refletir sobre a responsabilidade de tais atividades serem de toda família, e que a contribuição do marido era necessária e que amenizaria a sobrecarga de Roberta. Posteriormente, outra intervenção foi sugerir que ela tentasse dividir as tarefas ao longo da semana e fizesse um planejamento no

papel (uma vez que ela já havia contado anteriormente que gosta de se organizar e planejar as coisas escrevendo para não se esquecer). Algum tempo depois ela nos relatou que havia feito o planejamento e que estava dando muito certo, pois a divisão estava fazendo com que ela não ficasse tão cansada e sobrecarregada em um único dia.

Tanto no que diz respeito à vontade do marido de vender a casa quanto em relação à outras coisas, como por exemplo pedidos frequentes da família de Rodrigo - que nem sempre podiam ser atendidos - percebemos por parte dela uma certa dificuldade de se posicionar frente às suas vontades e limitações. Dessa forma, pontuou-se e reforçou-se sempre que necessário, em situações diversas, a necessidade e importância de ela considerar e demonstrar suas preferências e opiniões, uma vez que ser prestativa contrariando a si mesma e suas próprias limitações pode ser nocivo para ela. Especificamente em relação à situação da casa, foram discutidos também seus direitos legais, considerando que seu casamento é com comunhão de bens e seu marido não poderia efetuar a venda da casa sem seu consentimento e, por conseguinte, sua assinatura.

Um ponto de vulnerabilidade que se apresentou com grande relevância, foi a superação da dependência financeira (e emocional) do marido, que a faz refém das decisões do mesmo e, conseqüentemente, a priva de fazer coisas para si. Acerca disso, em um dos acompanhamentos Roberta nos relatou ter feito um curso de culinária há alguns anos, e viu-se nessa potencialidade uma possibilidade de independência financeira a ser explorada, porém, ela afirmou várias vezes seguidas que não gostaria de fazê-lo por sentir insegurança em relação aos pagamentos.

Carla Bronzo (2009) afirma que

[...] as famílias pobres e vulneráveis apresentam ainda, para além de uma multiplicidade de privações de caráter mais objetivo (renda, ativos materiais, acesso a serviços etc.), algumas condições ou aspectos psicossociais negativos, que dificultam o enfrentamento e a superação das condições de pobreza. Frequentemente as famílias nessas condições de intensa e extensa vulnerabilidade e pobreza desenvolvem atitudes e comportamentos de apatia, resignação, baixa autoestima, baixo protagonismo e autonomia, desesperança, subordinação e dependência, que acabam por “aprisionar” as famílias e indivíduos nas armadilhas da pobreza (BRONZO, 2009, p. 3).

Assim, aliado às tentativas das estagiárias de explorar os recursos disponíveis e potencialidades de Roberta para auxiliá-la na superação das vulnerabilidades, ao final do semestre, a dupla sugeriu que houvesse continuidade do acompanhamento psicossocial através do estágio, associado às propostas de práticas grupais, de forma a incentivá-la e encorajá-la a participar das mesmas. Acreditava-se que devido às demandas relacionadas à autonomia, a interação do acompanhamento com as atividades em grupo seria de grande valia para Roberta,

uma vez que o grupo se constitui um modo de estabelecer vínculos, para assim unir potencialidades em um espaço de afeto mútuo. Pois, ainda segundo Bronzo (2009),

Essas dimensões relacionais, consideradas como aspectos menos tangíveis da pobreza, remetem a questões de natureza psicossocial, envolvem o tema das relações sociais e do empoderamento. Tem-se, com isso, a necessidade de uma ação intensa e sistemática sobre elementos menos tangíveis da vida das pessoas, considerando o âmbito das relações, sejam estas relações intrafamiliares ou relações sociais e comunitárias, que estabelecem as redes de sociabilidade e apoio, que constituem importantes alicerces da proteção social (BRONZO, 2009, p. 3).

3.2 O segundo semestre de 2019 – a continuidade, os afetos e as potencialidades

Ao encontrar com Roberta após as férias acadêmicas, ela demonstrou ansiedade para o retorno do acompanhamento, contando sobre suas novas atividades, demonstrando muito orgulho de si mesma e satisfação por participar delas. Relatou ainda estar aguardando, como primeira candidata da lista de espera, uma vaga para um curso de informática ofertado pelo POINT, um centro profissionalizante gratuito localizado no Barreiro.

Neste primeiro contato após as férias, foi evidente uma posição muito mais ativa de Roberta em comparação ao semestre anterior, tanto em relação a falar/demonstrar situações de incômodo seja para o marido ou para amigas (segundo alguns relatos trazidos por ela), quanto em relação a ter iniciativa para buscar e participar de atividades que a interessem. Além disso, Ana se mostrou mais participativa ao longo do acompanhamento, tecendo alguns comentários acerca do que Roberta dizia, e através dessas demonstrações, foi possível notar um grande vínculo estabelecido. Segundo Carla Bronzo (2009),

Empoderamento, como processo e resultado das políticas de proteção social, pode ser uma categoria síntese para se referir à ampliação da capacidade de escolhas dos indivíduos, que ocorre quando se tem acesso a ativos – materiais, sociais, “ideais” - que, em interação sinérgica entre si, permitem a redução da condição de extrema vulnerabilidade (BRONZO, 2009, p. 4).

Diante disso, o planejamento da dupla para o semestre foi fortalecer o reconhecimento de Roberta acerca da importância de sua participação em atividades de seu interesse e também propor atividades que, aliadas ao acompanhamento, poderiam ser muito potentes, como por exemplo o grupo de mulheres. Como Roberta já havia mencionado em outro momento que gosta de se programar, foi sugerido também a elaboração de um planejamento escrito da semana ou do mês para que ela conseguisse visualizar e organizar suas atividades e tarefas.

Ela continuou pontuando sobre a falta de atenção por parte de seu marido, que não dedica muito tempo a ela e não se mostra muito presente na relação, o que reforça um sentimento de solidão relatado desde o primeiro semestre. Entretanto, relatou que, após ela se posicionar mais e falar sobre diversas coisas que a incomodava, Ricardo estava contribuindo mais do que de costume com os afazeres domésticos e auxiliando Ana nos deveres de casa, algo que fazia muita diferença para ela, sobretudo nos dias em que não se sentia muito bem. Assim, foi possível notar uma posição mais ativa de Roberta também no seu relacionamento. Moreno, criador do psicodrama, citado por Brasil (2017) discute as questões de papéis do sujeito, que marcam as relações e vínculos constituídos, e acerca disso pontua que “papel é a forma de funcionamento que assume um indivíduo, no momento em que reage frente a uma situação também específica na qual estão envolvidos outras pessoas e outros objetos” (MORENO *apud* BRASIL, 2017, p. 25).

Portanto, ao assumir e transformar os próprios papéis o sujeito torna-se capaz de modificar a si e suas relações, imprimindo “mudanças no repertório sociocultural de um grupo” (BRASIL, 2017, p. 26). Tal relevância da aquisição e transformação de papéis fica evidente na relação entre Roberta e o marido. Percebemos que, mesmo que ele não tenha participado dos encontros, o fato de Roberta ter assumido um papel mais ativo diante de suas questões familiares e individuais imprimiu mudanças em todo o seu contexto, em que o marido se tornou mais colaborativo com o que a sobrecarregava.

Após receber orientações da professora supervisora para alterar a periodicidade dos encontros, realizando-os quinzenalmente, com o objetivo de encerrar o acompanhamento no referido semestre, evitando assim, que o mesmo representasse mais uma dependência para ela, a dupla conversou com Roberta e explicou tal situação. Nos encontros seguintes, Roberta se mostrou mais desanimada para prosseguir, e sempre mencionava que era uma lástima o encerramento do acompanhamento. Acerca disso, Martín-Baró citado por Ansara e Dantas (2010), afirma que “há uma ideologia fatalista que alimenta e mantém a relação de dependência e dominação entre poder público, agente externo e comunidade” (BARÓ *apud* ANSARA; DANTAS, 2010, p. 100). Nesse momento, a dupla sentiu dificuldade novamente para manejar os acompanhamentos, pois sempre que as estagiárias propunham alguma atividade, ou até mesmo realizar o encontro da semana em um local diferente, Roberta se opunha e dizia estar cansada/desanimada. Mais uma vez, foi necessário por parte da dupla paciência e respeito em relação ao tempo de Roberta, pois apesar dos incentivos, a mesma parecia tentar lidar com o término do acompanhamento após os afetos trocados e vínculo estabelecido.

Nesse momento, a dupla começou a pontuar para Roberta com mais detalhes as mudanças percebidas ao longo do ano, as diferenças observadas nas atitudes e nos relatos de Roberta desde o início do acompanhamento, no primeiro semestre, até o final do segundo e último semestre. Pontuamos sobre seu fortalecimento, sua posição mais ativa e autônoma em comparação ao início dos encontros e que por esse motivo, caminhava-se para o encerramento do acompanhamento. Acerca do trabalho com comunidades, Martín-Baró citado por Ansara e Dantas (2010) pontua que

O fatalismo que os profissionais atribuem à comunidade serve para justificar a ineficácia do trabalho comunitário que realizam, bem como o sentimento de impotência que emerge em meio aos desafios e dificuldades da intervenção social, além de esconder sua consciência fatalista frente à realidade (BARÓ *apud* ANSARA; DANTAS, 2010, p. 100).

A dupla permaneceu propondo para Roberta a ida ao grupo de mulheres promovido pelo Estágio VI (que no referido semestre ocorreu em parceria com o CRAS), como forma de troca de afetos e aproximação da rede local. Continuou-se pontuando para ela sobre a potência do grupo de mulheres e que, assim como os nossos encontros eram um espaço de autocuidado, o grupo também era, porém com o adicional de ser coletivo e de promover o fortalecimento de vínculos entre as moradoras da comunidade, algo igualmente importante. Acerca disso, conforme pontuado por Brasil (2017), “a vinculação a outros grupos, a vivência de outras experiências ou mesmo o restabelecimento de vínculos distintos com grupos e pessoas com quem se relaciona é uma oportunidade para esse enfrentamento” (BRASIL, 2017, p. 47). Foi colocado também que assim como o acompanhamento psicossocial, o grupo demandava uma participação semanal, visto que isso era importante também no processo de construção de vínculo e desenvolvimento das atividades. Ansara e Dantas (2010) afirmam que:

a ausência de transformações não se deve unicamente à passividade e resignação da população, mas à inexistência de possibilidades reais que esse grupo experimenta cotidianamente em seu contexto social. [...] não é possível às camadas populares transformar suas condições de vida através de esforços individuais, cabendo ao psicólogo propiciar a descoberta de possibilidades coletivas de ação (BARÓ *apud* ANSARA; DANTAS, 2010, p. 101).

Foi proposto para Roberta a ida ao grupo de mulheres acompanhada pelas estagiárias, como tentativa de aproximação da atividade de forma gradativa. Então, em determinada semana, o encontro com ela foi realizado no CRAS, onde aconteciam as reuniões do grupo. Roberta sempre se mostrou interessada nessa ideia, mas, ao mesmo tempo, resistente e a dupla ficou surpresa que ela tenha ido.

O tema abordado nesse encontro foi violência contra a mulher em suas diversas formas, algo que Roberta trouxera muitas vezes para os acompanhamentos, mas que as estagiárias sempre perceberam a dificuldade dela de enxergar as violências praticadas por parte do marido. Percebemos que ela ainda assim manteve uma postura (inclusive corporal) de resistência e indiferença durante a ocorrência do encontro, algo que foi relacionado tanto com a difícil temática abordada, quanto com o encerramento do acompanhamento, uma vez que Roberta demonstrava de várias formas sua insatisfação com isso. Ao observar suas reações, a dupla sentiu que ela não gostou de ter participado do grupo, mas, em contrapartida, ela disse ter gostado muito. Além disso, Ana se divertiu muito, pois havia espaço reservado para as crianças brincarem no local.

Na semana seguinte, houve a festa de encerramento do grupo de mulheres do semestre e Roberta também quis participar junto das estagiárias. Neste dia, houve um bazar solidário com itens arrecadados pelas alunas e lideranças comunitárias no espaço do CRAS, e paralelo a isso, houve o momento intitulado de “troca afetiva”, onde as mulheres escolhiam itens do bazar para presentear outras mulheres e falavam um pouco sobre quem escolheram presentear e o que nessa pessoa as inspiravam, como uma forma de fortalecer e potencializar os afetos existentes entre as mulheres da comunidade. Roberta, apesar de um pouco tímida, participou da troca e disse ter gostado muito do encontro, dizendo também que no grupo havia muitas pessoas que ela conhece e gosta. Diante disso, a dupla incentivou novamente o seu envolvimento ao dizer que esse poderia ser mais um motivo interessante para que ela participasse. No dia da festa do grupo, a professora supervisora estava presente e pontuou para Roberta acerca do encerramento do acompanhamento, dizendo que a equipe continuaria atuante na comunidade, caso ela precisasse, mas que devido às mudanças observadas, acreditava-se que, aliada à outras atividades, ela poderia prosseguir sem o mesmo.

Dessa forma, o último encontro de Roberta com a dupla se deu em uma padaria da comunidade, onde foi possível lanchar e ela nos dizer suas sensações e impressões sobre o acompanhamento. A dupla assinalou algumas questões sobre autonomia já mencionadas que perceberam ter mudado muito, mas que ela ainda poderia reconhecer mais a importância de dedicar-se às atividades que ela gosta, lhe interessam e a fazem bem. Foi citado e sugerido por exemplo, que ela verificasse o andamento da fila de espera para o curso de informática, uma vez que anteriormente ela havia mencionado sobre a espera. Roberta, apesar de demonstrar tristeza no último encontro, nos agradeceu pelas trocas e construções e perguntou como ela precisava proceder para ter o acompanhamento novamente, afirmando, com certeza que precisaria. As estagiárias pontuaram novamente que ela participou do acompanhamento durante

o ano de 2019 e que talvez seria interessante investir nas outras formas de autocuidado já propostas. Considerando as falas de Roberta, as estagiárias retornaram e articularam com os equipamentos de rede local acerca do encerramento do acompanhamento e do encaminhamento para o grupo, caso Roberta procurasse novamente algum representante da rede solicitando o acompanhamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Estágio VI - O psicólogo na comunidade constituiu-se para as estagiárias em grande aprendizado e crescimento, tanto pessoal, quanto profissional. O suporte para visualizar, na teoria e na prática, realidades tão distintas dos recortes academicistas majoritariamente estudados e abordados até então foi fundamental para nossa formação. Em algumas situações, como mencionado anteriormente, houve grande sensação de angústia e impotência diante das demandas de Roberta, uma vez que em determinado momento, as estagiárias pensaram não contribuir em absolutamente nada. Diante disso, foi fundamental o suporte dos monitores e da professora supervisora para manejar e lidar com tais sentimentos, para que, inclusive, a ação fosse coerente com o que se acreditava no que diz respeito à ética profissional e aos referenciais teóricos estudados.

Entretanto, receber um retorno tão positivo acerca da nossa atuação foi muito gratificante, como por exemplo, após o último encontro do primeiro semestre quando Roberta enviou mensagens para as estagiárias dizendo estar muito feliz e sentir que isso foi uma evolução proporcionada pelos acompanhamentos, retorno que ela disse não imaginar ser tão rápido e que fora surpreendida por isso. Isso deixou as estagiárias imensamente felizes e reforçou ainda a vontade de prosseguir atendendo-a durante o segundo semestre. Dessa forma, a experiência de dar continuidade ao acompanhamento do Estágio VI foi muito enriquecedora. Como se tratava do segundo semestre, sentiu-se mais segurança para propor e realizar intervenções, o que visivelmente fez com que ela se incomodasse e inicialmente, se retraísse. Porém, foi percebido pelas estagiárias que se posicionar de forma mais ativa e interventiva proporcionava uma maior movimentação de Roberta, reflexo obtido na ida ao grupo de mulheres e saída da região de sua casa, o que impulsionou a dupla a realizar intervenções mais diretas e pontuais.

Trabalhar no contexto comunitário baseando-se no afeto e poder auxiliar nas potencialidades e possibilidades presentes na comunidade através da atuação em rede, de forma a contribuir para a superação das vulnerabilidades existentes foi um divisor de águas na

formação das estagiárias. Constituiu-se em uma referência de exercício profissional ético, responsável e em consonância com o Compromisso Social da Psicologia.

REFERÊNCIAS

ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 95-103, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822010000100012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 06 jan. 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos**. Brasília: MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2017.

BRONZO, Carla. Vulnerabilidade, Empoderamento e Metodologias Centradas na Família: Conexões e uma Experiência para Reflexão. In: Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Brasil. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil**. Brasília: 2009, 413 p. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/concepcao_gestao_protecaosocial.pdf. Acesso em: 06 jan. 2020.

MIOTO, Regina Célia Tamaso. Para que tudo não termine como um “caso de família”: aportes para o debate sobre violência doméstica. **Katálisis**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 96-103, jan./jun. 2003.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; XIMENES, Verônica Moraes; CIDADE, Elívia Camurça; MENDONÇA, Francisco Weslay Oliveira; SOARES, Camila Alves. Por uma psicologia comunitária como práxis de libertação. **Psico (PUCRS)**, v. 39, n. 4, out./dez. 2008, p. 456-464. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/3532>. Acesso em: 08 jan. 2020.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000300010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 09 jan. 2020.